

AValiação DA ANSIEDADE ESCOLAR EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Cristina Rodrigues Azevedo Joly* e Sandra Maria da Silva Sales Oliveira**

Universidade São Francisco e Universidade do Vale do Sapucaí

RESUMO

Este estudo objetivou avaliar a ansiedade em 559 alunos do 2º ao 9º ano de escolas públicas e particulares brasileiras, com idades compreendidas entre 8 e 18 anos, sendo 50.1% do sexo feminino. Utilizou-se a Escala de Ansiedade na Escola com aplicação coletiva. Os resultados evidenciaram presença de ansiedade no contexto escolar; o sexo masculino pontuou significativamente em três fatores, medo genérico, medo de situações avaliativas e na ansiedade total. Quanto à faixa etária no fator medo genérico, o grupo de alunos mais velhos apresentou pontuações mais elevadas, nos fatores insatisfação e evitação, os alunos agrupados na faixa etária de até 10 anos apresentaram pontuações significativamente menores que os demais. Constatou-se presença de ansiedade no contexto escolar.

Palavras-chave: educação, avaliação psicológica, psicométrica.

ASSESSMENT OF ANXIETY IN SCHOOL PUPILS IN ELEMENTARY EDUCATION

ABSTRACT

This study aimed at evaluating anxiety in elementary school students. The sample was formed by 559 students from 2nd to 9th years from public and private schools, with age ranging from 8 and 18 years and 50.1% of them were female. The instrument applied was the Anxiety Scale at School in only one collective session. The results evidenced the presence of anxiety in school context, the male gender scored more significantly than the female in three factors: generic fear, fear of evaluating situations and in total anxiety. The older students group of them presented higher scores; in factors dissatisfaction and avoiding and the students into the age level to 10 years old are the ones that presented significantly lower scores. Finally, it was possible to evidence the presence of anxiety in the school context studied as an indication to a necessary interview.

Keywords: education, psychological evaluation, psychometric.

*Psicóloga pela Pontifícia Universidade de Campinas, Mestre e Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo e Pós-doutorado em Avaliação Psicológica pela Universidade do Minho Portugal. Professora do Programa de Pos-Graduação stricto sensu em Psicologia da Universidade São Francisco. Correspondencia: mcrisjoly@gmail.com

**Psicóloga, Mestre em Avaliação Psicológica pela Universidade São Francisco, aluna do doutorado da mesma instituição e docente na Universidade do Vale do Sapucaí. Correspondencia: smsso@uol.com.br

EVALUACIÓN DE LA ANSIEDAD EN LOS ALUMNOS DE ESCUELA EN EDUCACIÓN PRIMARIA

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo evaluar la ansiedad en 559 estudiantes de de segundo a noveno año de escuelas públicas y privadas, con edades comprendidas entre los 8 y los 18 años, hombres 279 (49.9%) y 280 (50.1%) mujeres. Se utilizó la Escala de Ansiedad en la Escuela y la recopilación de datos ocurrió en conjunto. Los resultados mostraron la presencia de ansiedad en el contexto escolar, los varones obtuvieron mayores puntuaciones en tres factores, el miedo genérico, el miedo de las situaciones de evaluación y la ansiedad total. En cuanto al grupo de edad en el factor de temor general, el grupo de estudiantes de más edad tuvieron una mayor puntuación. En los factores de evitación y la insatisfacción, los estudiantes agrupados hasta la edad de 10 años tenían puntuaciones significativamente más bajas. Se encontró la presencia de ansiedad en el contexto escolar.

Palabras claves: educación, evaluación psicológica, psicometría.

Os processos psicológicos devem ser explicados para que se entenda o que acontece quando as pessoas lidam com uma tarefa ou uma dificuldade. Dentre esses processos surge o estudo da ansiedade vista como um sentimento que adverte as pessoas de que há um perigo ou algo a ser temido.

Moraes (1990) afirma que o termo ansiedade refere-se a uma debilitante apreensão durante certo período, manifestando-se em indivíduos que vivenciam situações de estresse, tais como eventos competitivos ou testes educacionais. Ainda afirma que a ansiedade pode produzir a sensação de ameaça e de falta de capacidade.

Por sua vez Vasconcelos, Costa e Barbosa (2008) explicam que a ansiedade é um fenômeno universal vivenciado pelos seres humanos inúmeras vezes ao longo de sua vida. Serve como sinal de alerta para perigos iminentes. Assim, a ansiedade prepara o organismo para tomar as medidas necessárias contra possíveis ameaças.

As manifestações de ansiedade podem estar associadas a acontecimentos ou situações de natureza passageira ou constituir uma maneira estável e permanente de reagir, provavelmente com base na própria constituição individual. Além disso, a sua intensidade pode variar de níveis imperceptíveis até níveis extremamente elevados, capazes de perturbarem os indivíduos. A

ansiedade aparece em situações diferentes e em qualquer faixa etária.

Neste estudo o foco da ansiedade é o contexto escolar. Na fase escolar existem situações causadoras de ansiedade para as crianças, principalmente as situações novas, que inexistem na vida familiar. Ao chegar à escola, a criança vai encontrar uma realidade diferente da sua, um mundo desconhecido e estranho que muitas vezes a obriga a fazer silêncio, entrar na fila, ficar de castigo, escutar, calar, obedecer e se encontrar com pessoas que nunca viu. Diante do que encontra a criança reage, sente-se ansiosa e acha difícil se adaptar a escola. Mas a ansiedade em escolares não ocorre apenas quando vão pela primeira vez às escolas, ela pode ocorrer em alunos veteranos, que em várias situações, sentem-se impotentes para resolver conflitos (Oliveira, 2001).

Ao longo dos anos a ansiedade escolar foi bastante pesquisada e os estudos realizados por Monteiro (1980), Tobias (1980), Wigfield e Eccles (1989) Loos (2004) apóiam a hipótese de que a alta ansiedade interfere negativamente na performance acadêmica. A ansiedade pode afetar tanto alunos com alto como com baixo desempenho. Alunos bem-sucedidos podem tornar-se ansiosos por causa das expectativas não realistas dos pais, dos colegas ou mesmo suas, de que devem ter um ótimo desempenho em todas as

disciplinas. No caso de alunos com baixo desempenho, se as situações de fracasso na escola se repetem, a ansiedade pode aumentar como consequência do desempenho pobre.

Observa-se nas crianças respostas afetivas tais como irritabilidade, apatia, depressão, raiva e desesperança que se somam as grandes desorientações cognitivas e uma dificuldade por parte dos alunos e dos professores em entender o que está acontecendo. A falta de controle sobre os acontecimentos faz com que as crianças se sintam particularmente vulneráveis e quando se acrescentam as imaturidades conceituais e percepções errôneas, fica mais fácil enxergar porque podem ser tão afetadas por circunstâncias fora do seu controle. Os professores, na maioria das vezes, não entendem que há uma diferença entre as percepções adultas e as das crianças no que se refere ao impacto dos acontecimentos da vida. Entender essa diferença é fundamental. É entender as variáveis interpessoais e identificar suas consequências comportamentais (Oliveira & Sisto, 2002).

No que concerne à ansiedade escolar e sua relação com a variável sexo, os estudos realizados por Silverman, La Greca e Wasserstein (1995) ao avaliarem crianças entre 7 e 12 anos demonstram em seus resultados que meninas são mais ansiosas do que meninos. Guida e Ludlow (1989) e Inderbitzen e Hope (1995) avaliando alunos de escola elementar, mostraram que as meninas tinham uma ansiedade mais alta que os meninos em várias comparações. Rosa, Souza e Baldwin (2000) explica o fato devido a expectativa que envolve o comportamento feminino devido à nossa cultura permitir mais liberdade ao sexo masculino que o feminino. Outros fatores na opinião de Silverman et al. (1995) que podem explicar esse resultado psicológico entre os sexos é o fato das mulheres possuírem mais ansiedade nas preocupações relacionadas à saúde, segurança social e escola.

Também Singh, Moraes e Ambrosano (2000) exploraram as diferenças de gênero em 364 crianças da faixa etária de 7 a 13 anos. Três questionários com questões de múltipla escolha

foram aplicados em grupos de 10 crianças. O primeiro questionário destinou-se à avaliação do medo ao tratamento odontológico e outras situações. O segundo questionário contém 20 itens relacionados as situações potencialmente produtoras de ansiedade. O terceiro questionário contém 40 itens sendo 20 relacionados ao controle percebido e 20 ao controle desejado. Em relação ao medo e ansiedade, a média dos escores foi mais elevada para o sexo feminino do que para o sexo masculino ($p < 0.05$). Os autores focalizaram também a idade, e detectaram que crianças da faixa de 11 a 13 anos revelaram-se em média mais ansiosas que as de 7 a 9 anos.

Ainda no que concerne a diferença entre sexo, Batista e Oliveira (2005) investigaram os sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes, e avaliaram 511 alunos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre 14 e 18 anos, matriculados em três escolas pública e privada de ensino fundamental e médio. Para a coleta de dados utilizaram um instrumento composto de 75 itens, cuja base para elaboração foi o CID 10 e o DSM IV, nos quais os alunos foram instruídos a escolher uma das respostas "sempre", "as vezes" ou "nunca" de acordo com a frequência de sua ocorrência. Os resultados demonstraram que os sintomas mais comuns manifestados em adolescentes do sexo masculino agruparam-se sintomas físicos e emocionais, quais sejam, tremor, agitação, irritabilidade, taquicardia, dor de estômago e insônia representando sintomas físicos e, medo, preocupação, nervosismo, pavor, aborrecimento e susto representando os sintomas emocionais. Os resultados demonstraram que as meninas apresentaram pontuações mais altas para ansiedade do que os meninos, fato que pode ser explicado pela maior necessidade de aprovação social que as meninas enfrentam.

Com o objetivo de verificar em qual etapa de ensino as concepções sobre a Matemática se apresentam como negativas e avaliar qual o nível de ansiedade apresentado pelos alunos quando expostos a situações que envolvem a disciplina, Araújo e cols (2006) utilizaram a Escala de Ansiedade Matemática e revelaram que conforme

a série aumenta, a ansiedade também aumenta. Para esses autores as crianças de 5ª série apresentam ansiedade moderada enquanto que as de 6ª e 7ª séries apresentam muita ansiedade, em função do grau de dificuldade dos conteúdos e da pouca vontade de estudo dos alunos destas séries.

Sendo assim, este estudo objetivou avaliar a ansiedade em alunos do Ensino Fundamental e eventuais diferenças com relação ao sexo e idade. Soma-se a isso, a preocupação de que a ansiedade pode prejudicar a vida escolar, causar sofrimento e fazer com que a criança se desgaste a tal ponto que seu pensamento se ausente de qualquer aprendizado além de se desenvolver no ambiente escolar em diversas situações a saber, na relação professor-aluno, nas práticas pedagógicas utilizadas, nas práticas muito exigentes de avaliação, com a pressão do tempo, na competição e na comparação social.

MÉTODO

Delineou-se um estudo de levantamento com vistas à análise de variáveis relativas ao contexto e aos participantes. Foram utilizadas estatística descritiva e inferencial paramétrica, considerando-se a distribuição normal dos resultados obtidos.

Participantes

Participaram do estudo 559 alunos de 2º ao 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas (n = 53.6%) e particulares (n = 46.4%) do interior de Minas Gerais, com idades compreendidas entre 8 e 18 anos, média igual a 12.27 e desvio padrão 2.05. Entre estes alunos 279 (49.9%) pertenciam ao sexo masculino e 280 (50.1%) ao sexo feminino.

Instrumento

Foi utilizada a Escala de Ansiedade na Escola de Oliveira (2001) construída com itens baseadas nos sintomas de ansiedade descritos no DSM IV, na CID 10 e em bibliografias indicando ansiedade em situações escolares. As palavras chave usadas foram: tremores ou sensação de fraqueza, tensão

ou dor muscular, inquietação, fadiga fácil, falta de ar ou sensação de fôlego curto, palpitações, sudorese (mãos frias e úmidas), boca seca, vertigens e tonturas, náuseas e diarreia, rubor ou calafrios, polaciúria, bolo na garganta, impaciência, resposta exagerada à surpresa, dificuldade de concentração ou memória prejudicada, dificuldade em conciliar e manter o sono, irritabilidade.

Houve preocupação de tornar os itens condizentes com o atributo, que os mesmos expressassem uma única idéia, fossem curtos com expressões simples e inequívocas. Preocupou-se também, ao construir os itens, com uma linguagem variada e em dosar termos favoráveis e desfavoráveis. Optou-se por trabalhar com itens que enfatizassem as situações com base nas quais deveriam se manifestar, indicando a intensidade de sua ocorrência (sempre igual a 2 pontos, às vezes igual a 1 ponto e nunca igual a zero).

Foram construídas 53 frases, seqüenciadas de forma aleatória no instrumento, foi aplicado coletivamente a 559 alunos de segundo ao nono ano do Ensino Fundamental. As frases foram pontuadas e nesses dados foi feita uma análise fatorial por componentes principais, rotação *varimax*, a configuração de 4 fatores. Foram eliminados os itens que apresentaram saturação inferior a 0.40 em pelo menos um fator. Com a aplicação desses critérios, chegou-se a trinta e oito itens com quatro fatores bem discriminados. Para interpretar cada fator observou-se a possível nucleação das frases. Assim, o núcleo do fator 1, foi interpretado como *medo genérico*; o núcleo do fator 2, foi interpretado como *de satisfação ou compensação*; o núcleo do fator 3, foi interpretado como *de evitação*; e o núcleo do fator 4, foi interpretado como *medo de situações avaliativas associadas ao medo*.

As medidas de precisão foram calculadas, com base na consistência interna, para cada subescala e para o instrumento como um todo. Dentre as subescalas, a que apresentou menor precisão por alfa foi a do fator 2 (satisfação ou compensação) com coeficiente de 0.66. No fator 3 (evitação) o coeficiente alfa é 0.68 e no fator 4

(medo de situações avaliativas) alfa igual a 0.69. O fator 1 (medo genérico) apresentou coeficiente alfa de 0.88. Esses valores podem ser considerados bons ao se considerar o número de itens. Para a ansiedade geral observa-se coeficiente alfa de 0.84.

Procedimentos

Após a aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade São Francisco e contato prévio realizado e aprovado pelos diretores das escolas e pais dos alunos quanto à aplicação do instrumento, foi agendada data e horário para a coleta de dados. A aplicação do instrumento foi realizada por um dos pesquisadores, nas salas de aula, em horário regular. Foi distribuída aos alunos a Escala de Ansiedade na Escola, tendo

sido dadas as instruções, após a leitura de cada questão, foi dada uma pausa para que todos marcassem a resposta escolhida.

RESULTADOS

Este estudo objetivou avaliar a ansiedade em alunos do Ensino Fundamental e explorar eventuais diferenças com relação ao sexo e as idades. Recorreu-se a estatística descritiva para identificar média e desvio padrão das respostas obtidas. Os resultados estão ilustrados na Tabela 1 com vistas a identificar a existência ou não de diferenças significativas. Para verificar a frequência de ansiedade nos quatro fatores e total de acordo com o sexo dos participantes utilizou-se o teste *t* de *student*.

Tabela 1
Estatística descritiva da frequência de ansiedade por fatores e total percebida pelos alunos (N = 559)

	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio padrão</i>
Medo genérico	0	40	13.72	6.21
Insatisfação	0	16	5.41	3.69
Evitação	0	15	4.42	2.55
Medo de situações avaliativas	0	10	3.11	2.11
Ansiedade Total	2	60	26.67	11.86

Considerando o propósito de verificar medias e desvios padrão para cada fator e ansiedade total, verificou-se pela a Tabela 1 que o fator medo genérico apresentou a maior média. A menor média se refere a medos de situações

avaliativas do fator 4. Quanto a ansiedade total a média foi de 26.67 e o desvio padrão de 11.86. Ressalta-se que o fator 1 (medo genérico) congrega o maior número de itens do que os demais fatores.

Tabela 2.

Estatística inferencial para frequência de ansiedade por fatores e total percebida pelos participantes para sexo pelo teste t de Student

	sexo	N	Média	DP	t (557)	P
Medo genérico	masculino	279	14.76	6.11	3.99	<0.001
	feminino	280	12.69	6.15		
Insatisfação	masculino	279	5.86	3.77	2.90	0.004
	feminino	280	4.96	3.56		
Evitação	masculino	279	4.68	2.60	2.42	0.016
	feminino	279	4.16	2.48		
Medo de situações avaliativas	masculino	279	3.48	2.20	4.25	<0.001
	feminino	280	2.74	1.96		
Ansiedade Total	masculino	279	28.79	12.18	4.28	<0.001
	feminino	279	24.55	11.16		

Considerando o propósito de comparar o sexo, realizou-se o teste *t student*, Tabela 2. Obteve-se resultados com pontuação significativamente mais elevada em todos os fatores para o sexo masculino. Em assim sendo,

analisou-se a organização dos grupos em função da série por meio do Teste *post hoc* de Tukey e obteve-se diferença não convergente com a literatura.

Tabela 3.

Estatística inferencial para frequência de ansiedade por fatores e total percebida pelos participantes para faixa etária pela ANOVA

	F(5.553)	p
Medo Genérico	8.497	<0.00
Insatisfação	4.019	0.018
Evitação	4.984	0.007
Medo de situações avaliativas	2.441	0.088
Ansiedade Total	1.980	0.139

Conforme aponta a Tabela 3, verificou-se que os fatores medo genérico, insatisfação e evitação apresentaram diferenças de médias estatisticamente significativas quanto à faixa

etária. Em função disso, analisou-se pelo Teste *post hoc* de Tukey os agrupamentos formados para cada um dos três fatores em função da faixa etária.

Tabela 4
Grupos formados pelo fator medo genérico por meio da análise post hoc de Tukey para as faixas etárias.

Agrupamento por idade	alfa = 0.05		
	N	1	2
até 10 anos	136	12.68	
11 a 13 anos	253	13.22	
14 anos ou mais	170		15.31
Sig.		0.684	1.000

Conforme aponta a Tabela 4, houve a formação de três grupos pelo fator medo genérico. Observou-se que o grupo dos alunos com 14 anos

ou mais apresentam resultados significativos. Estes se diferenciam das duas outras faixas etárias com estudantes mais jovens.

Tabela 5
Grupos formados pelo fator insatisfação por meio da análise post hoc de Tukey para as faixas etárias.

Agrupamento por idade	alfa = 0.05		
	N	1	2
11 a 13 anos	253	5.09	
14 anos ou mais	170	5.28	5.28
até 10 anos	136		6.18
Sig.		0.878	0.060

Conforme aponta a Tabela 5, foi possível perceber que os alunos que se agruparam na faixa etária de até 10 anos foram os que apresentaram

maior insatisfação com as situações escolares. Esta faixa etária se diferencia dos estudantes de 11 a 13 anos.

Tabela 6
Grupos formados pelo fator evitação por meio da análise post hoc de Tukey para as faixas etárias.

Agrupamento por idade	alfa = 0.05		
	N	1	2
14 anos ou mais	170	4.01	
11 a 13 anos	253	4.42	4.42
até 10 anos	135		4.93
Sig.		0.285	0.145

A Tabela 6 demonstra que os alunos mais novos (até 10 anos) apresentaram diferença significativa quanto a evitação em relação aos estudantes de 14 anos ou mais. Os mais novos revelaram maior evitação da ansiedade do que os mais velhos.

DISCUSSÕES

Este estudo teve como objetivo avaliar a ansiedade em alunos do Ensino Fundamental. Foi possível perceber que dentre os quatro fatores que o instrumento avalia, o fator medo genérico apresentou maior média e maior desvio padrão e o fator medos de situações avaliativas a menor média e o menor desvio padrão.

Partindo-se da idéia de que ansiedade e medo são formas mais intensas de se demonstrar uma preocupação, pode-se dizer que os alunos em estudo apresentam manifestações de ansiedade no contexto escolar. As frases referentes ao fator medo genérico se referem a situações de sintomas de ansiedade como por exemplo “quando estou na escola, minha barriga dói” e “na hora de ir para a escola sinto enjôo”. Autores como Gorayeb e Gorayeb (2002); Oliveira e Sisto (2002) esclarecem que medo de ir à escola é muito comum num ou outro momento do desenvolvimento das crianças menores, mas não na idade em que a avaliação foi realizada. Na fase escolar existem situações causadoras de ansiedade para as crianças, principalmente as situações novas, que inexistem na vida familiar. Ao chegar à escola, a criança vai encontrar uma realidade diferente da sua, um mundo desconhecido e estranho que muitas vezes a obriga a fazer silêncio, entrar na fila, ficar de castigo, escutar, calar, obedecer e se encontrar com pessoas que nunca viu. Diante do que encontra a criança reage e sente-se ansiosa, achando difícil se adaptar a escola.

Pela análise da pontuação da Escala de Ansiedade na Escola por fatores e total percebida pelos participantes para sexo pelo teste *t* de *Student* verificou-se que o sexo masculino apresentou diferenças significativas em três

fatores, medo genérico, medo de situações avaliativas e na ansiedade total. Estes dados diferem dos encontrados nos trabalhos de Silverman et al. (1995), Singh, Moraes e Ambrosano (2000) e Batista e Oliveira (2005) que revelam encontrar média dos escores mais elevada para o sexo feminino do que para o sexo masculino.

Os estudos acima referidos não referem em verificar a ansiedade em situações escolares, neste sentido, levanta-se a hipótese de que nos meninos esta diferença poderia acarretar pensamentos negativos frente às atividades avaliativas, levando em consideração como os outros veriam seu desempenho, tendo o pensamento de derrota, subestimando sua capacidade de realização de tarefas. Não se pode esquecer o fato do instrumento avaliar especificamente a ansiedade no contexto escolar.

Quanto a comparação da faixa etária pela ANOVA, verificou-se que os fatores medo genérico, insatisfação e evitação apresentaram diferenças de médias estatisticamente significativas. Em função disso, analisou-se pelo Teste *post hoc* de Tukey os agrupamentos formados para cada fator em função da faixa etária.

No fator medo genérico observou-se que o grupo de alunos com 14 anos ou mais apresentou diferenças significativas; nos fatores insatisfação e evitação os alunos que se agrupam na faixa etária de até 10 anos são os que apresentam diferenças significativas. Os dados encontrados no fator medo genérico, corroboram com os estudos de Locker, Shapiro e Liddell (1999) e Singh, Moraes e Ambrosano (2000) quando afirmam que conforme a idade aumenta a ansiedade também aumenta.

Entretanto, os resultados encontrados nos outros dois fatores insatisfação e evitação, os alunos mais novos apresentam pontuações mais elevadas, contrariam os estudos acima citados. Levanta-se a hipótese de que os alunos mais velhos podem ter mais facilidade em trabalhar com situações de evitação da ansiedade e insatisfação escolar do que os alunos mais novos.

Com este estudo foi possível verificar a presença de ansiedade no contexto escolar e que poucos estudos referem ao construto especificamente no Ensino Fundamental. As relações desta variável com sexo e idade ampliam sua abrangência e evidenciam a importância de mais estudos relacionados, uma vez que a ansiedade é um construto que apresenta muitas possibilidades de pesquisa, mas poucos ainda são os estudos relacionados a pesquisas nacionais específicas sobre essa temática.

Foi possível, também, observar por meio dos resultados obtidos que ela não ocorre apenas quando os alunos vão pela primeira vez à escola, a ansiedade pode ocorrer em alunos veteranos, que em várias situações sentem-se impotentes para resolver conflitos. Torna-se importante os professores identificarem os alunos ansiosos, pois assim sendo, o sofrimento dos mesmos poderia ser minimizado. Inicialmente porque mudariam suas atitudes com tais alunos e se necessário poderiam encaminhá-los para uma ajuda terapêutica.

Para Moraes (1990) a ansiedade refere-se a uma debilitante apreensão durante um certo período, manifestando-se em indivíduos que vivenciam situações de estresse, tais como eventos competitivos ou testes educacionais. Ainda afirma que a ansiedade pode produzir a sensação de ameaça e de falta de capacidade.

Sendo assim, uma avaliação da ansiedade no contexto escolar poderia viabilizar programas interventivos que focariam o seu emprego e a sua utilização diversificada. Assim, essas propostas também deveriam atingir os professores, uma vez que estes profissionais são responsáveis pelo desenvolvimento integral de seus alunos, a saber, cognitivos, emocionais, sociais, morais, dentre outros existentes no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

Batista, M. A. & Oliveira, S.M.S.S. (2005). Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes. *Revista Psic*, São Paulo, 6(2), 43-50.

Gorayeb, M.A.M. & Gorayeb, R. (2002). Cefaléia associada a indicadores de transtornos de ansiedade em uma amostra de escolares de Ribeirão Preto. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*. São Paulo, 60 (3B), 764-768.

Guida, F. W., & Ludlow, L. H. (1989). A cross-cultural study of test anxiety. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 20, 178-190.

Inderbitzen, H. M., & Hope, D. A. (1995). Relationship among adolescent reports of social anxiety, anxiety, and depressive symptoms. *Journal of Anxiety Disorders*, 9, 385-396.

Locker D, Shapiro D, Liddell A. (1999). Who is dentally anxious? Concordance between measures of dental anxiety. *Community Dent Oral Epidemiol*, 24, 346-350.

Loos, H. (2004) Ansiedade e aprendizagem: um estudo com díades resolvendo problemas algébricos. *Estudos de psicologia*, 9(003), 563 – 573.

Monteiro, M. N. (1980). *Um estudo da ansiedade e suas implicações no desempenho acadêmico*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ.

Moraes, L. C. (1990). Ansiedade e Desempenho no Esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 4(2), 51-56.

Oliveira, S.M.S.S. (2001). *Estudo exploratório para uma escala de ansiedade escolar*. Dissertação de Mestrado, Itatiba: Universidade São Francisco

Oliveira, S.M.S.S. & Sisto, F.F. (2002). Estudo para uma escala de ansiedade escolar para crianças. Campinas. *Psicologia Escolar Educacional*, 6(1), 57-66.

Proeger, C. & Myrick, R.D. (1980). Teaching children to relax. *Research Bulletin*, 14(3), 254-262.

Rosa, F. H. Souza, E. de & Baldwin, J. R. (2000) A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 485-496

Silverman, W. K., La Greca, A. M., & Wasserstein, S. (1995). What do children worry about? Worries and their relation to anxiety. *Child Development*, 66, 671-686.

Singh, K. A.; Moraes, A. B. A. de; Ambrosano, G. M. Medo, ansiedade e controle relacionados ao tratamento odontológico. *Pesq Odont Bras*, 14(2), 131-136, abr./jun. 2000.

Tobias, S. (1980). Anxiety and instruction. Em I. G. Sarason (Org.), *Test anxiety: Theory, research and applications*. pp. 289-309. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Vasconcelos, A. S., Costa, C. & Barbosa, L. N. F. (2008). Do transtorno de ansiedade ao câncer. *Revista SBPH*. Rio de Janeiro 11(2), 51-71.

Wigfield, A. & Eccles, J. S. (1989). Test anxiety in elementary and secondary school students. *Educational Psychologist*, 24, 159-183.

Recibido: 12 de marzo del 2012

Aceptado: 3 de mayo del 2012

